

Da amizade.

Aix 11/5/90

Se e quando nos encontramos, encontramos-nos inseridos em teia de relações intersubjetivas. Seria erro crer que "caímos dentro da natureza", conforme certo mito grego. Para quem procura se encontrar não há "natureza" no sentido de contexto objetivo. Tudo que há são relações que nos ligam a outros. Quem observar o comportamento de recém-nascido ou de sociedade dita primitiva verificará que o mundo inteiro é composto de fios constantemente rasgados por nossos movimentos. Quando o néné se machuca contra mesa, é que a mesa é inimiga, e quando se recolhe mandioca é preciso pedir desculpas para que a mandioca não se vingue. A teia de relações intersubjetivas da qual somos prisioneiros e que rasgamos pelo simples fato de vivermos (pelos nossos movimentos) é o destino. O pecado original (em grego "heroísmo") é que somos culpados pelo fato de vivermos e transgredirmos o destino. Eis o clima de crime e castigo do qual nos falam os mitos.

Para nos liberarmos da teia que se cola na nossa pele, do destino, descobriremos a natureza. A natureza é descoberta no sentido de contexto do qual foi retirada a cobertura das relações intersubjetivas. 'É contexto nù, isento de valores. A descoberta da natureza se faz passo por passo. Pelo primeiro passo descobrimos por baixo da cobertura do destino que os astros são pedras inertas. Pelo último passo descobrimos por baixo da cobertura do destino que os outros e nos mesmos somos fenomenos explicáveis. Graças a tais descobertas progressivas ficamos libertados do destino, do clima do crime e do castigo. Pelo prego de um mundo objetivo do acaso e da necessidade, e de um clima do absurdo. Não mais precisamos recear mesas e mandiocas, porque descobrimos que por detraz de mesas, mandiocas e de nos mesmos não se esconde nada.

Mas a ciência não é o único método de vencer o destino. Os fios que compõem a rede das relações intersubjetivos nos são impostos, não escolhidos. Encontramos tais fios ao termo-nos encontrado. Os fios formam círculos concêntricos em nosso torno, e nos prendem com força proporcional à distancia do círculo: somos mais ligados à família que ao clã, mais à aldeia que ao país, mais ao trabalho dos nossos pais que à classe. Pode ser imaginada lei geral da gravitação intersubjetiva. Nas telas de computador a imagem do campo de relações intersubjetivas é a mesma do campo gravitacional; os fios formam bolsos de concentração densa, e nos somos tais bolsos. Somos cruzamentos de relações intersubjetivas. Não escolhemos o que somos.

Isto pode ser aceito: pedimos submeter-nos ao destino. O sr. LePen o faz ao dizer que ama sua família mais que a França, a França mais que a Europa, a Europa mais que o resto. Aceita ele o destino, os fios de "sangue" e da "terra" (a condição biológica e geográfica), recusa ele a opção, a liberdade. Tal submissão é chamada "decadência" pela análise existencial, porque é queda para dentro do destino. Mas é possível não submeter-se, projetar-se para fora da teia do destino. 'É possível tecer relações intersubjetivas que desprezam condições biológicas, geográficas, de classe e de raça, que passam por cima. Tais relações escolhidas formam, elas também, bolsos na teia geral, e nelas somos o que escolhemos de ser: existências livres. Esse tipo de relação é chamado amizade, da qual o amor é um caso extremo.

Estamos aqui reunidos, porque estamos ligados pelos fios da amizade. Formamos um bolso no tecido das relações intersubjetivas dentro do qual somos o que escolhemos ser: gente livre. Mas não devemos crer que a liberdade é "pura". Nossa amizade é devida a afinidades sociais e culturais que nos foram impostas. Toda escolha é dialectica: produto da liberdade, do acaso e da necessidade. E é precisamente tal contradicção inerente a toda escolha que faz com que os laços da amizade sejam cercados do clima precioso da responsabilidade. Somos responsáveis uns pelos outros, ao termos escolhido tecer laços por cima de todo nacionalismo e de toda adesão à classe. Isto nos obriga a opormos nossa escolha contraditória ao destino. Não é verdade que o amor é cego: é bem mais visionário que não importa que glorificação do destino. Porque o amor e a amizade são o único meio de vencer o destino, ao dar sentido à vida face a uma natureza isenta de valor e absurda.

Mais uma palavra quanto às relações que nos são impostas. Meu primo David me escreveu que somos ligados por amizade a despeito do nosso próximo parentes. Está enganado. Soubemos, ele e eu, escolher um laço imposto, transformar parentesco em amizade. Isto seja talvez a suprema vitória sobre o destino: assumi-lo para ultra passá-lo.

Eus nos reunidos aqui pelos laços da amizade. Formamos como que conspiração contra o destino e o absurdo do mundo pelo nosso consenso de darmos sentido às nossas vidas. De sermos uns para os outros. Agradeço-lhes pelo que sou e pelo que escolhi ser: seu amigo.